

Consumidores ainda pagam caro pelo crédito

Enquanto juro básico caiu 53,3% desde março, a taxa média do crediário baixou apenas 8,9%

Patrícia Duarte

• SÃO PAULO. Mesmo com a Selic e os índices de inadimplência em queda, algumas modalidades de empréstimos resistem a reduzir seus juros com maior velocidade. Um levantamento feito pela Associação Nacional dos Executivos de Finanças (Anefac) mostra que em março passado — quando a Selic estava em 45% ao ano — o consumidor pagava taxa média de 13,85% ao mês (o equivalente a 374,24% ao ano) pelo empréstimo pessoal numa financeira. Desde então, os juros básicos já caíram 53,33%, chegando ao patamar de 21%. No entanto, as financeiras continuam cobrando caro pelo dinheiro. Na média, os juros passaram para 13,16% ao mês (ou 340,87% ao ano), uma diferença de 8,92% em relação a março.

— O cheque especial e o cartão de crédito também custam mais a ceder nos juros. E não há uma explicação plausível para isso — afirma o vice-presidente da Anefac, Miguel Oliveira.

Segundo os bancos, a razão dos juros altos é a inadimplência

Segundo Oliveira, a inadimplência sempre foi a principal razão apontada por bancos e financeiras para os juros elevados — além do custo de captação, que sofre o impacto da oscilação da Selic. No entanto, diz o executivo, a taxa média de inadimplência no país hoje está em 4%, depois de permanecer estável em 4,5% nos últimos três anos. Nesta estimativa, a Anefac desconsiderou as operações do Banco do Brasil, que atua fortemente no financiamento do setor agrícola, o que poderia distorcer a taxa

média de inadimplência. Esse quadro de inadimplência não justificaria, por exemplo, a queda de apenas 19,28% verificada no juro médio embutido no cartão de crédito desde março. Neste período, a taxa passou de 13,45% para 11,92% ao mês (286,27% ao ano).

— A inadimplência não é tão grande para manter os altos spreads (taxas de risco) praticados pelos bancos hoje — diz Oliveira.

Bancos e financeiras continuam argumentando o contrário. Na avaliação do diretor de produtos de varejo do Unibanco, Rogério Estevão, a inadimplência vem caindo de forma muito mais lenta, mesmo com a melhora na qualidade do crédito conseguida nos últimos anos, quando a liberação de empréstimos ficou mais rígida. O desemprego elevado é outro fator de risco que acaba

compondo o custo dos bancos, afirma o gerente-executivo do Banco do Brasil, Afonso Walker.

— Até o fim do ano, as taxas de juros para financiamentos devem cair apenas mais um ponto percentual, mesmo com a Selic em tendência de queda. A inadimplência ainda segura movimentos mais bruscos — afirma o sócio-diretor da financeira Cred/1 Eduardo Wagner.

Compras à vista são a melhor opção

Diante da resistência do mercado, Oliveira, da Anefac, aconselha os consumidores a optarem pelas compras à vista, fugindo das elevadas taxas de juros. Como a inflação está sob controle, é melhor adiar a compra e economizar todo o dinheiro porque o risco de o preço subir é pequeno.